

As “duas faces” do micro-crédito

Não passa pelas «desconfianças» da banca e pode ser alternativa para quem tem dificuldades em entrar no mercado de trabalho. No entanto, especialistas alertam para as «duas faces» do micro-crédito

PATRICIA ISABEL SILVA

Começou a apanhar bolas espalhadas nos campos de golfe, e, pouco tempo depois, recuperado de um problema de toxicodependência, já era proprietário de duas lojas de material daquela modalidade desportiva. Para o conseguir recorreu ao micro-crédito e não teve de passar pela «desconfiança» da dita banca normal.

Este foi um dos casos de sucesso apresentados na conferência “O micro-crédito, uma arma para a paz”, organizada anteontem pelo Observatório do Endividamento dos Consumidores e o Núcleo de Estudantes para a Paz do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Ao longo de uma hora falou-se, essencialmente, das vantagens do sistema inventado pelo Nobel da Paz, Muhammad Yunus, apelidado de “banqueiro dos pobres”, por permitir aos pobres o acesso ao pequeno crédito. Aliás, conforme referiu Paula Duarte Lopes, professora da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), mais de seis milhões de pessoas no Bangladesh – onde o Nobel da Paz fundou o Banco Grameen – são beneficiárias deste tipo de empréstimos, registando-se uma taxa de retorno de 98%.

Em Portugal, são cerca de duas mil as pessoas que já recorreram ao micro-crédito, beneficiando de uma quantia que pode chegar aos cinco mil euros, frisou Catarina Frade. A intenção da maioria é fazer desse dinheiro uma forma de investimento, realçou a docente da FEUC, acrescentando que este sistema permite a «pessoas que não têm credibilidade na banca normal que se transformem em empresários de



Conferência “O micro-crédito, uma arma para a paz” decorreu na Faculdade de Economia

sucesso e objecto de cobiça» dos bancos.

Apresentar alternativas

A «chave do sucesso» está relacionada com o facto de, em Portugal, se acompanharem os beneficiários do micro-crédito na execução do projecto, continuou a docente, acrescentando que, muitas vezes, esta é a solução para quem tem «grandes dificuldades» em ingressar no mercado de trabalho.

«Talvez não possamos lutar contra a deslocalização de empresas, mas talvez possamos intervir junto destas pessoas

apresentando-lhes alternativas», frisou.

É esse acompanhamento que a investigadora Cláudia Nogueira considera determinante em processos desta natureza, porque «não basta dar iniciativas financeiras, é preciso dotá-las de outro tipo de competências». Caso contrário, «corre-se o risco de empurrar pessoas para situações de maior vulnerabilidade», advertiu.

É por isso que José Manuel Pureza diz que o micro-crédito «tem duas faces». Por um lado, pode ajudar quem precisa de pequenos financiamentos – e foi essa a perspectiva de Yunus,

quando decidiu criar uma «alavanca para os excluídos começarem uma trajectória de humanidade –, por outro, «este tipo de prática corre o risco de se substituir às políticas sociais, tratando o mal pela superfície», alertou o professor da Faculdade de Economia.

Recorde-se que, recentemente, na Cimeira do Micro-crédito, que decorreu no Canadá, foi traçado o objectivo de que, até 2015, o sistema beneficie 175 milhões de famílias no limiar da pobreza. A meta prevê que 100 milhões das famílias possam atravessar a barreira de um dólar por dia.●